

AS COMPANHIAS DE SANTOS REIS E SUAS PEREGRINAÇÕES PELO MUNICÍPIO DE PIRENÓPOLIS, GOIÁS¹

TEREZA CAROLINE LÔBO

Doutora em Geografia IESA/UFG – Fapeg



ALINE SANTANA LÔBO

Mestre TECCER/UEG – Fapeg
Ciranda da Arte/Seduc



Folia de Reis –
Pirenópolis –
Catolicismo Popular

Resumo: Com ramificações por toda Europa durante a Idade Média, a folia de Reis é uma herança cultural que ao transformar e desdobrar se fez presente em várias regiões do Brasil, trata-se de uma prática do catolicismo popular que adquiriu especificidades e singularidades em cada localidade. Em Pirenópolis, esta manifestação cultural é representativa da vida social, não sendo possível precisar o início dos giros pelo município surgido da mineração do ouro. Contudo, a persistência dessa tradição sobre o tempo é resultante dos ensinamentos passados de geração para geração, da influência das migrações e do entendimento daqueles que lideram a peregrinação. O presente trabalho parte da fenomenologia percebendo as Falias como um fenômeno passível de descrição, compreensão e interpretação, apesar de sua subjetividade e das dificuldades da apreensão de uma manifestação que adquire sentidos e significados diversos para quem o vivencia. Os apontamentos aqui apresentados foram colhidos por meio de observações realizadas nas folias de Reis do município de Pirenópolis desde 2013.

THE COMPANIONSHIP OF KINGS SAINTS AND THEIR PILGRIMAGES IN THE COUNTY OF PIRENÓPOLIS, GOIÁS

Folia de Reis –
Pirenópolis –
Popular Catholicism

Abstract: With ramifications throughout Europe during the middle ages, the kings revelry (Folia de Reis) is a cultural inheritance that, when transformed and unfolded was present in several regions of Brazil. It is a practice of popular catholicism that acquired its own specificities and singularities in each locality. In Pirenópolis, county emerged from the gold mining, this cultural manifestation is representative of the social life, not being possible to determine its beginning. However, the persistence of this tradition over time is the result of past teachings from generation to generation, the influence of migration and understanding of those who lead the pilgrimage. The present dissertation starts from the phenomenology perceiving the revelrys as a phenomenon subject to description, comprehension and interpretation, despite its subjectivity and the difficulties of seizure of a manifestation that acquires different senses and meanings to those who live it. The notes presented here were collected by means of observations on the kings revelrys in the city of Pirenópolis since 2013.

Envio: 07/09/2018 ◆ Aceite: 20/09/2018



¹ As percepções aqui apresentadas são resultantes das observações realizadas nas folias de Reis do município de Pirenópolis para compor o projeto que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012. Este artigo foi apresentado na ABREM, no XI Encontro Internacional de Estudos Medievais: Imagens e Narrativas realizado entre os dias 13 a 15 de julho de 2015.

O Junta e a Saída

A folia de Reis é um grupo de andarilhos que perfaz um caminho circular por espaços determinados e determinantes. Este “bando precatório” (CASCUDO,1972:402) formado por foliões e suas bandeiras emolduram cenários previamente planejados e esperados para efetivação de rituais tradicionais que integrou as mentalidades medievais, influenciou e foi influenciada pelo cristianismo. E desde então compõem o modo de ser no mundo das pessoas que vivenciam uma manifestação que há muito tempo existe na história da humanidade.

A coleção popular escrita no século XIII pelo arcebispo italiano Tiago de Varazze intitulada *Lenda Dourada* e analisada por Jacques Le Goff (2014) parte da concepção de tempo preconizada pelo cristianismo que buscou examinar o tempo *temporal*, o *santoral* e o tempo *escatológico*, tempos estes pregados nos sermões da Igreja Católica objetivando através da educação e da teologia desenvolver as faculdades racionais do homem daquele período. Esta obra medieval foi definida como

a obra que melhor soube expressar, em toda a sua riqueza e sua complexidade, a originalidade configurada pela ideologia dominante do cristianismo e pela excepcional personalidade de um dos maiores espíritos desse período essencial da história europeia que é a Idade Média, soube expressar, dizíamos, o dado mais fundamental da vida na história de uma sociedade humana, o tempo (LE GOFF, 2014:272).

Ao tratar da Natividade de Cristo, Tiago de Varazze, afirma a distinção entre maravilhoso, que foi o nascimento, e o milagroso que foi a pessoa do Cristo, pelo fato de Deus ter reunido na mesma pessoa “o eterno, o antigo e o novo”, assim “o eterno é a divindade. O antigo é a carne humana saída de Adão e continuando por gerações sucessivas através dos séculos. O novo é que a alma de Jesus transfigura a alma humana” (LE GOFF, 2014:96). Esse ritmo estabelecido pelos ensinamentos institucionais, a Igreja Católica, vão demarcar as temporalidades presentes nos eventos culturais e religiosos, assim os ritos presentes em manifestações como as folias são de fato um ordenador que “numa sequência de experiências diversas unidas pelo fio condutor da consciência sociocultural e religiosa que

ordena, antecipa, projeta, recorda e vive *hic et nunc* ligando o passado ao presente e o presente ao futuro” (TERRIN, 2004:226).

Com ramificações por toda Europa durante a Idade Média, a folia de Reis é uma herança cultural que ao transformar e desdobrar, no tempo e no espaço, se fez presente em várias regiões da Europa e do Brasil, trata-se de uma prática do catolicismo popular que, partindo de princípios universais, como a busca por uma experiência religiosa, adquiriu especificidades e singularidades em cada localidade.

Com forte influência portuguesa, no Brasil, este catolicismo vai se ambientar no campo, desenvolvendo práticas e vivências ligadas ao cultivo da terra, produzindo sentidos e significados expressivos, ou ainda, no dizer de Pessoa, quando trata do rural não mais como especificidade, mas como “ruralidades” manifestas na intersecção do mundo rural com o mundo urbano num emaranhado de formas.

O que marca as ruralidades é a relação com a terra, com o plantar. A terra como cultivo e criatório ainda é muito a referência formadora das nossas mentalidades. Isso faz parte, está presente em nossos processos de construção de identidades, mesmo se moramos nas médias e grandes cidades. Ou seja, mesmo no contexto urbano, há muitas pessoas que elaboram sua compreensão de mundo, com referências do mundo rural (PESSOA, 2005:51).

A compreensão do mundo que nos circunda passa pelo entendimento de estamos inseridos num contexto amplo o qual, por sua vez “encarna-se e toma forma de um lugar, de um ambiente, de um modo de ‘habitar’ o mundo” (TERRIN, 2004:197), este espaço sensível forma o cenário onde se desenrola as tramas e os dramas traçados pelas folias, sendo possível perceber as experiências humanas e suas relações com o mundo circundante.

Estes ensinamentos e compreensões de mundo advindos de manifestações culturais como as folias são resultantes de desdobramentos complexos que dão dinamismo ao fenômeno. E por envolver diversos grupos sociais tutelados ou não pela Igreja, pelas relações familiares e o poder público vão desenhar imagens de mundo comparadas com as rabelaisianas analisadas por Bakhtin e que se caracterizam por ser “decididamente hostis a toda perfeição definitiva, a toda estabilidade, a toda formalidade limitada, a toda operação e decisão circunscrita ao domínio do pensamento e à concepção do mundo” (BAKHTIN, 2013:2).

Em Pirenópolis, esta manifestação cultural é representativa da vida social, não sendo possível precisar o início dos giros pelo município surgido da mineração do ouro. Contudo, a persistência dessa tradição sobre o tempo é resultante dos ensinamentos passados de geração para geração, da influência das migrações e do entendimento daqueles que lideram a peregrinação – alferes ou embaixador.

São vários os grupos que atualmente perfazem uma trilha ritualística e circular pelas ruas da cidade e caminhos das fazendas, tocando músicas alegres em louvor aos “Santos Reis” e ao nascimento de Cristo, no período que vai das comemorações do Natal ao dia de São Sebastião.

Um Pouso na História dos Reis Magos

A história inicial dos Reis Magos é originária das narrativas bíblicas, sendo mencionada em apenas um dos quatro evangelhos canônicos, o de Mateus, no Livro do Novo Testamento, ocupando 12 versículos.

Os magos do oriente

2 E, TENDO nascido Jesús em Belem da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos vieram do oriente a Jerusalém,

² Dizendo: Onde está aquele que é nascido rei dos judeus? porque vimos a sua estrela no oriente, e viemos a adorá-lo.

³ E o rei Herodes, ouvindo isto, perturbou-se, e toda Jerusalem com ele (BÍBLIA, Mateus, 1977:2, 1-3).

Conforme transcrição não há na narrativa bíblica a especificação de que os magos eram reis e nem que eram três – “*uns magos*” indicam a existência de mais de um - e também não há nenhuma afirmação sobre suas origens, o texto refere-se a magos que vindos do Oriente acompanhavam um astro celeste. A partir destes fatores de peregrinação dos magos guiados pela estrela, a perseguição de Herodes, que por não pertencer à descendência de Davi sentiu-se ameaçado e a sobrevivência de Jesus diante de seus perseguidores, após a fuga para o Egito, representando a vitória do *bem*.

De qualquer maneira estas personagens relatadas no Evangelho reafirmaram a importância da natividade de Jesus, servindo como fundamento para as comemorações do

culto católico do Natal. Numa saga de histórias prodigiosas e milagrosas, oficiais ou apócrifas, que fertilizaram as narrativas e a imaginação servindo para estruturar rituais, acrescentar fatos, relativizar o tempo, suprimir dados e disseminar as histórias bíblicas por toda Idade Média, chegando aos dias atuais.

Numa análise mais apurada, focada nas origens dos rituais e cultos encontraremos razões mais complexas e anteriores no tempo. Conforme abordou Tinhorão em suas pesquisas sobre a diversidade étnico-cultural e a busca por uma história universal do homem,

o que as realidades da procissão de Corpus Christi, no âmbito da Igreja, e as romarias dos círios, no campo da devoção popular, estavam destinadas a revelar era exatamente a permanência de costumes pagãos, tanto no rito litúrgico católico quanto no cumprimento dos votos de fé feitos pelas comunidades populares com a melhora das intenções cristãs (2012:35-36).

A trama urdida no emaranhado que justapõe o fato original, se é que este existiu, e os fatos originados da vivência sensível do homem vão tecer o enredo que darão sustentação à trama. Ao longo de Idade Média vários fatos vão servir como fios condutores na tessitura histórica das folias de Reis, da visita dos magos ao menino Jesus, passando por diversas localidades da Europa até sua ambientação do Brasil o giro foi longo. Num “recoo histórico-iconográfico” Pessoa demonstra a dispersão da devoção aos Reis Magos pela Europa,

isso se deve à chegada dos restos mortais destes três entes míticos, lendários, imaginários, mas, enfim, tão reais na cultura popular brasileira; à catedral de Colônia (Alemanha), em 1164. Para lá foram trasladados de Milão (Itália) como despojos de guerra numa conquista de Frederico Barbarrocha. E para Milão teriam sido levados no século IV ou V como presente especial da Imperatriz Helena, de Constantinopla (2005:77).

Os magos após a visita à lapinha voltaram a se encontrar e vieram a falecer, segundo a lenda, na Turquia; foram transformados em Reis, aproximadamente no século III; receberam nomes e locais de origem: Melchior, rei da Pérsia, Gaspar, rei da Índia, e Baltazar, rei da Arábia e passaram a ser referenciados como santos a partir do século VIII. Esteves, ao estudar as narrativas dos cronistas medievais, com foco na Península Ibérica, afirma que estes centrados na explicação da vida humana na Terra e inspirados no cristianismo pautado na fé e na bíblia vão narrar histórias prodigiosas e milagrosas e neste campo fértil das

narrativas e da imaginação é que vão disseminar as histórias bíblicas e dentre elas a saga dos Reis santos em busca do encontro com menino Deus. Explica que,

a história, ainda que se mantenha como uma narrativa, vai passar a incluir aspectos explicativos, procura-se uma justificação dos acontecimentos. Os mitos continuam a ser utilizados, em conjunto com a realidade histórica, mas a cronologia ganha importância e há uma consciência e que parte das histórias são fábulas (ESTEVEZ, 2013:168).

A vivência da religiosidade do povo e uma produção constante do sagrado vão influenciar culturas ao longo do tempo. Estas transfiguradas nos mais diversos espaços, vão se sustentar por meio dos gestos, dos símbolos e das crenças transmitidas através do tempo. Desse modo, os três magos do Oriente conhecidos posteriormente como Baltazar, Melchior e Gaspar, presenteiam Jesus com ouro, incenso e mirra, a tradição permanece viva e estas ofertas têm seus valores e símbolos ressignificados ao longo do tempo, sendo hoje um ato que desperta a atenção de todos, porque é a época de se dar e receber presentes.

A preocupação com a dádiva e a obrigação de retribuir presentes (MAUSS, 2003), torna-se uma característica que fundamenta e justifica a realização das folias, ou seja, a união de uma dualidade de contrários em que a aliança religiosa e a manipulação do símbolo garantem a prosperidade para quem doa e certifica a agregação dos visitantes. Motivo pelo qual se oferece durante as folias, em contradádiva, o pouso, as danças, as comidas.

E o Giro Segue por Pirenópolis

A história de Pirenópolis remete ao período da prospecção aurífera no século XVIII quando as levadas de migrantes eram constituídas por portugueses, seus escravos e alguns poucos paulistas. A suntuosidade dos templos religiosos e a quantidade de igrejas – cinco ainda no mesmo século – demonstram a implantação da fé católica e a disseminação das práticas religiosas acordadas entre o Estado e a Igreja, o Padroado Régio. “É notório verificar, em todos os relatos de viajantes e memorialistas e nas corografias históricas, a existência de igrejas em todos os arraiais, por menores que fossem, o que mostra a influência do catolicismo na cultura colonizadora” (SILVA, 2001:23).

No entanto, as distâncias e os poucos poderes conferidos à Santa Sé pelo governo português fizeram com que a Igreja se estabelecesse através das confrarias religiosas com acentuada presença leiga cuja atuação principal se dava por intermédio das festas de santos e das romarias. Este catolicismo popular, caracterizado pela ausência de padres, aliado às práticas jesuíticas fundadas na catequização dos índios e negros e o gosto português pelas festas religiosas foram determinantes para construção das religiosidades. Para Silva as festas populares em Goiás, no período colonial,

costumavam confundir as práticas sagradas com as profanas, tanto nas comemorações externas como nas realizadas dentro das igrejas. Além das missas com músicas mundanas, sermões, Te-Deuns, novenas e procissões, eram partes importantes as danças, os batuques, os fogos de artifício e as barracas de comidas e bebidas (SILVA, 2001:24).

A folia de Reis faz parte da cultura caipira e conseqüentemente da cultura popular brasileira estando presente em vários municípios do país desde a colonização portuguesa. Em Pirenópolis, estado de Goiás, é realizado todos os anos os festejos ligados ao ritual da folia de Reis, que acontecem depois do Natal até a festa de São Sebastião. Estas reproduzem continuamente as memórias de acontecimentos ou estados passados, por isso estes festejos reproduzem, criam e recriam o momento festivo.

Estas folias são conhecidas pelo nome da região em que surgiram. Em pesquisas realizadas pelo município de Pirenópolis identificamos as seguintes Folias de Reis: Folia de Reis da Rua que acontece nos bairros de Pirenópolis e em chácaras próximas à cidade, Folia de Reis do Tortinho, Folia de Reis da Santa Rita, Folia de Reis do Engenho de São Benedito e Folia de Reis de Lagolândia. Outras folias são conhecidas, mas ao longo dos três anos de pesquisas e devido à simultaneidade de realização dos giros não foram possíveis observações e registros mais precisos, e por isso, não estão citadas.

A folia de Reis no seu percurso é permeada de cantorias embaladas num ritmo contínuo, e nos versos improvisados, descrevem, pedem e agradecem cada elemento dos arcos, dos altares, das esmolas, dos alimentos e entrega dos donativos. Corrêa (2002) discorre que as folias são documentos sonoros, reminiscências de outras épocas, enfim, testemunhos da identidade musical de um povo. As músicas entoadas constroem uma teia de significados é a parte essencial dos rituais.

Veiga (2005) afirma que a folia é, simultaneamente, uma visitação, um circuito de coleta e uma bênção itinerante. Ao percorrer o caminho as folias estabelecem uma rede de contatos que extrapolam os laços familiares e de compadrio. Durante estas manifestações da cultura popular que acontece nas ruas e caminhos das fazendas cria-se um mundo utópico, em que os partícipes se revestem de outra vida, penetrando temporariamente num mundo que é universal caracterizado pela liberdade, pela ausência das diferenças sociais e pela abundância. Um mundo em que ao indivíduo é permitido

estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre os seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente esse contato vivo, material e sensível (BAKHTIN, 2013:9).

Este contato estabelecido nos momentos de festa vão comunicar o saber popular, as práticas dos foliões, e o saber erudito - que na Idade Média era ditada pela Igreja – confrontando-os, constituindo a cultura popular, que segundo Bakhtin, “constrói-se de certa forma como paródia da vida ordinária, como um ‘mundo ao revés’” (2013:10) responsável por perpetuar acontecimentos que chegam ao presente com uma densa carga de tradições.

Os foliões reúnem numa casa onde ocorre o “junta” da folia, ali comem, bebem, rezam, benzem a bandeira de Reis, cantam e tocam instrumentos musicais. Assim começa o giro da Folia, uma peregrinação em direção às casas, as quais serão visitadas, durante alguns dias. Algumas folias perfazem esse trajeto durante o dia, mas outras o realizam à noite.

Os grupos de folia são organizados dentro de uma hierarquia, o folião recebe sua divisa e obtém determinada função. Os alferes são os responsáveis por comandar a folia e portar a bandeira durante a peregrinação, o embaixador é o encarregado das músicas e dos músicos e o regente é uma espécie de coordenador que atua diretamente com os demais foliões, principalmente durante a distribuição da comida. Estes compõem as companhias de Santos Reis que perfazem um caminho circular – saindo do leste e para o oeste - visitando os devotos, colhendo esmolas e distribuindo graças.

Uma personagem enigmática que acompanha o grupo de “viajantes” é o palhaço, este se apresenta sozinho ou em duplas – um masculino e outro feminino – e recebe nomes

variados, tais como: Catarina, Caetano, Coisa Ruim ou simplesmente Palhaço. São enigmáticos por figurarem num espaço limiar entre o bem e o mal, dentro da trama da folia é entendido como o que afasta as energias negativas ou a própria negatividade representando a perseguição de Herodes ao menino Deus. Corporifica a alegria e possui a missão de proteger a bandeira, contudo sua presença na sala da lapinha não é bem vista e até mesmo proibida. Traja roupas de chita e máscara com o objetivo de preservar sua identidade, reza a tradição que quem se propõe a encarnar o palhaço deve fazê-lo por sete anos e isso quase sempre está ligado a um cumprimento de voto. Possui a interface da alegria ao causar risos e provocar brincadeiras com os presentes, e da religiosidade ao apresentar sua devoção ao menino Jesus, a Virgem Maria, São José e os Reis Magos. Sua função é angariar e guardar os donativos além de fazer a marcação do ritmo das músicas com seu cajado.

Os rituais são permeados por música e versos. A musicalidade produzida pelos foliões acompanha todo o percurso e dão singularidade a cada grupo. “Especula-se que grande parte das folias goianas tem a influência mineira, até mesmo por considerar a intensa integração cultural que une ambos os territórios desde o período da mineração” (CURADO, 2011:128). Com base na sonoridade produzida os grupos são identificados como folia mineira ou folia goiana nas suas origens. Nos grupos observados em Pirenópolis, todos tiveram a influência mineira, mas entendem que hoje fazem folia goiana, atestam esta afirmação tocando acordes específicos de uma e outra folia e empostando a voz de maneiras distintas. Estes cânticos e suas musicalidades se originam também no medievo.

Como herança direta dessas peregrinações, surgiram então os cânticos populares muito importantes em toda Europa medieval, chamados Noëls na França, Villancicos na Espanha e Janeiras em Portugal. Provavelmente esses cantos, acrescidos do teatro de Gil Vicente, depois de José de Anchieta e Manoel da Nóbrega, constituem as matrizes mais diretas das diversas devoções existentes no Brasil, como reisados, boi-de-janeiro, boi-de-reis, pastorinhas e, especialmente no chamado “corredor das bandeiras” (SP, MG, GO, MS), as folias de reis (PESSOA, 2005:77).

A folia é composta por músicos que tocam instrumentos, às vezes artesanais, como tambores, reco-reco, pandeiros, triângulo, chocalhos, além da tradicional viola caipira e do acordeon, também conhecida em certas regiões como sanfona, gaita ou pé-de-bode. Estes músicos além de rezadores são também cantadores entoando versos inspirados e criados

sob a emoção do momento. Eles subdividem em dois grupos na hora da cantoria. Os versos cantados normalmente são rimados e enquanto um grupo canta a pergunta o outro responde, em outras vezes um grupo canta e o outro repete, essa estrutura musical foi também descrita nas pesquisas realizadas por Corrêa (2002) e Vilela (2013) que estudaram a viola e a música caipira como modo de afirmação de uma identidade nacional. A viola que tem um percurso histórico que remonta os tempos medievais.

Ao longo dos últimos quinhentos anos, a viola, de origem ibérica, foi construindo sua identidade muito próxima ao povo formador deste Brasil. Sua história vem de longe e fazemos aqui um esforço de resgatá-la. A chegada dos árabes e de sua rica cultura à Península Ibérica no ano de 711 foi crucial para o desenvolvimento da musicalidade e de outros segmentos do conhecimento humano na Europa e, posteriormente, no Brasil. As modalidades do repentismo nordestino, como galope-a-beira-mar, martelo agalopado, quadrão, sextilha, são formas literárias de origem árabe; aliás foram os árabes que nos deram o sabor da rima. A poesia latina compunha-se com a métrica apenas (VILELA, 2004-2005:77).

A cantoria da folia está presente em todos os rituais, não tem folia sem músicos, pois o trajeto é permeado de canções embaladas num ritmo contínuo. Os versos são improvisados, estes descrevem, pedem e agradecem os elementos encontrados nos arcos, nos altares, as esmolas e os alimentos ofertados. Estes articulam as aspirações pessoais e interpretam a visão do mundo aos olhos de seus participantes, os quais fazem referências aos Reis Magos como intermediadores da relação com Deus, transformando-os em verdadeiros santos.

A chegada à residência do devoto é envolto de devoção. O grupo é conduzido pela bandeira, seguida dos músicos e demais foliões que adentram o espaço onde o cenário da natalidade foi artisticamente elaborado para o momento. Os três Reis estampados na bandeira representam o encontro dos magos com Jesus e o propósito não mais de levar presentes – ouro, incenso e mirra – mas de receber do dono da casa donativos comumente para finalidades filantrópicas.

No interior da casa, se tiver presépio, canta novamente, pois geralmente a música retrata o período em que Jesus nasceu ou mesmo a viagem de Melquior, Baltasar e Gaspar. Após rezarem e pedirem proteção e harmonia para casa, os foliões pedem a esmola. Prosseguem assim por vários dias, visitando as casas, que fazem parte do itinerário pré-estabelecido pelos foliões.

Durante os dias de festejo tem o “pouso”, que foi previamente combinado. Neste local a bandeira, símbolo maior da festividade descansa no altar e os foliões se entregam à farta mesada de comida, as danças, comumente o Catira e o Chá – danças tradicionais coreografadas que intercalam palmas e batidas de pés –, e as alegres músicas que misturam moda de viola e músicas modernas. A festa é o encontro com o outro, é o momento em que o passado é presentificado e o presente é intensamente vivido, assim a tradição se cumpre e as experiências humanas mais significativas são vivenciadas.

A Chegada

O cristianismo adotado como religião oficial do Estado pelo Imperador Constantino no ano de 337 vai se espalhar pela Europa durante a Idade Média, chegando ao Novo Mundo. Sua propagação se deu, em parte pela imposição da fé refletida nas ações missionárias e nos condicionamentos simbólicos, pela espacialização proporcionada pela migração de pessoas e crenças religiosas que se sobrepôs às culturas em várias localidades e pela constituição da concepção de tempo ensinada por meio das narrativas e de rituais que estruturavam o tempo mítico das festividades em homenagens aos santos e seus feitos.

Estas ações aparentemente externas e movidas por questões econômicas e políticas vão desenvolver raízes mais profundas manifestas no cotidiano capazes de comunicar formas e fenômenos que se revelam, o que se mostram em si mesmo (HEIDEGGER, 2009). As festas populares são um desses fenômenos que oferecem uma visão do mundo, do homem e das relações humanas, que permitem infinitas compreensões. A vivência da fé é muito mais complexa do se imagina e se compreendidas à luz dos ensinamentos e da imposição do poder oficial da Igreja ficam reduzidas e empobrecidas.

Os entendimentos passam pela percepção da dualidade entre um mundo social e outro individual da vida humana, analisadas por Bakhtin (2013) com base nas ideias de Rabelais e cujo, percurso é um interessante condutor na compreensão das manifestações da cultura popular nos dias atuais. Esta que é marcada pelo riso, pela subversão dos valores oficiais, pelo caráter contestador da ordem imposta pela hierarquia social e diretamente pela Igreja.

Os estudos das folias de Reis como manifestações culturais em Goiás demonstram a riqueza do saber local, as experiências coletivas e as práticas subjetivas que garantem e compõem as identidades territoriais e religiosas dos goianos. O envolvimento popular com a festividade demonstra a importância para a comunidade que as realiza, uma vez que, é experienciada por várias gerações. Esta prática religiosa coletiva estruturada numa sequência ritual demonstra a solidariedade entre os partícipes e definem momentos que o homem, dentro de uma vivência sociocultural, se coloca diante de si mesmo e a partir daí constrói sua compreensão de mundo e do outro.

“Toda essa porção essencial e imprescritível do homem — que se chama *imaginação* — está imersa em pleno simbolismo e continua a viver dos mitos e das teologias arcaicas” (ELIADE, 2002:15). Tais representações, externadas no momento da festa, são “*multivalentes*” resultantes, ainda conforme Eliade, das contradições da própria realidade que permitem que estas lancem mão das imagens para “captar a realidade profunda das coisas” (1991:11). Nas festas da religiosidade popular, como é a folia de Santos Reis, percebem-se variadas significações dos símbolos presentes que vão além da concretude, a qual possibilita uma compreensão espiritual das imagens apresentadas, pois “os símbolos jamais desaparecem da *atualidade* psíquica: eles podem mudar de aspectos; sua função permanece a mesma” (2002, p. 13).

Para Eliade (2002), a experiência religiosa pressupõe uma vivência nas dimensões espaço-tempo. Daí buscar nas origens, as festas pagãs, passando pelas narrativas bíblicas e suas variações para compreender a festa atual — a despeito de pertencerem a temporalidades diferentes e a espaços distintos, eles narram imagens muito próximas da realidade de quem vivencia uma festa com “nostalgia”.

Essas narrativas, expressas nas comemorações dos Santos Reis, juntam este e o outro mundo, com todo o seu simbolismo e subjetividades ilustrados por imagens e símbolos, resultantes da imaginação dos que vivenciam a festa. Os santos celebrados e as práticas sociais em seu entorno são memórias de um tempo que traduz a sensibilidade e a devoção de quem participa. Repetir todos os anos a saga da peregrinação pelas ruas da cidade e pelos caminhos das fazendas para reverenciar o nascimento de Jesus transfigura espaços,

tempos, objetos, gestos em valores religiosos, em busca do “caminho da vida” ou o “caminho para o centro”. O chegar na realidade é uma busca constante pelo eterno retorno.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo:Hucitec, 2013. 419p

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira, 1977.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro. Ed. Tecnoprint S.A., 1972, 930p.

CORRÊA, Roberto. **A arte de pontear viola**. 2ª ed. Brasília: Viola Correa Produções Artísticas, 2002. 259p

CURADO, João Guilherme da Trindade. **Lagolândia - paisagens de festa e de fé**: uma comunidade percebida pelas diversidades. Goiânia, IESA/UFG. 2011 (Doutorado em Geografia).

ELIADE, Mircea. **Tratados de história das religiões**. 2ª ed. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo, Martins Fontes, 2002. 479p.

_____. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Trad. Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991, 178p.

ESTEVES, Julieta Araújo. Fontes de “saber” nas crônicas medievais: Fernão Lopes. In: **História Revista**. Goiânia, v. 18, n. 1, p. 167-179, jan. / jun. 2013.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. (Trad. Márcia de Sá Cavalcanti Schuback). 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 2009. 598p.

LE GOFF, Jacques. **Em busca do tempo sagrado**: Tiago de Varazze e a Lenda dourada. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. 288p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo, Cosac Naify, 2003. 536p.

PESSOA, Jadir. Morais. **Saberes em Festa**. Goiânia: Editora da UCG, 2005,93p.

SILVA, Mônica Martins da. **A festa do Divino**: romanização, patrimônio & tradição em Pirenópolis (1890-1988). Goiânia, AGEPEL, 2001, 229p.

TERRIN, Aldo Natali. **O rito**: antropologia e fenomenologia da ritualidade. São Paulo: Paullus, 2004.

TINHORÃO, José Ramos. **Festa de negro em devoção de branco**: do carnaval na procissão do teatro no círio. São Paulo: Ed. Unesp, 2012. 154p.

VEIGA, Felipe Berocan. A folia continua: vida, morte e revelação na Festa do Divino de Pirenópolis, Goiás. In: CARVALHO Luciana (Org.). **Divino Toque do Maranhão**. Rio de Janeiro: IPHAN/CNFCP, 2005, p.83-94.

VILELA, Ivan. **Cantando a própria história**: música caipira e enraizamento. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. 225p.

_____. **Revista USP**. São Paulo, n.64, p. 76-85, dezembro/fevereiro 2004-2005.

